UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO LETRAS

SIMONE ALVES DE OLIVEIRA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM NOVO OLHAR ÀS VARIEDADES DA LÍNGUA NA PERSPECTIVA DA HISTORIA EM QUADRINHOS.

CAMPINA GRANDE – PB
2012

SIMONE ALVES DE OLIVEIRA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM NOVO OLHAR ÀS VARIEDADES DA LÍNGUA NA PERSPECTIVA DA HISTORIA EM QUADRINHOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profª. Ms. Francisca Eduardo Pinheiro.

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

O48p Oliveira, Simone Alves.
preconceito linguístico: um novo olhar às variedades da língua na perspectiva da historia em quadrinhos / Simone Alves Oliveira. – 2012.
53f.: il. Color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
"Orientação: Prof. Ms. Francisca Eduardo Pinheiro".

1. Análise. 2. História em Quadrinhos. 3. Preconceito Linguístico. I. Título.

21. ed. CDD 372.6

SIMONE ALVES DE OLIVEIRA

PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: UM NOVO OLHAR ÀS VARIEDADES DA LÍNGUA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

Trabalho de Conclusão de Curso de apresentado ao Curso de Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, de Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: 02/07/2012

Francisca Eduardo Pinheiro **NOTA** 9,0

Profª Ms Francisca Eduardo Pinheiro / UEPB

Orientadora

Cléa Gurjão Carneiro **NOTA** 9,0

Profª Ms Cléa Gurjão Carneiro

Examinadora

NOTA 9,0

Profª Dra. Rosângela Maria de Soares Queiroz

Examinadora

MÉDIA 9,0

Dedico este trabalho a DEUS e a meus Pais, JOÃO e GILVANILDA, que juntos me concederam a vida!

AGRADECIMENTO

Considerando este trabalho como resultado de uma caminhada que não termina aqui, agradecer pode não ser tarefa fácil. Porém, não acho justo deixar registrar o reconhecimento pela dedicação de alguns em minha vida.

Em primeiro lugar, e mais importante, agradeço Aquele que é Digno de toda Honra e Glória. O Único, Poderoso e Responsável pela realização dos meus sonhos. Meu maior Orientador e Conselheiro, meu DEUS! Que por toda minha caminhada zela por mim, não me desamparando. A Ele agradeço e dedico todas as minhas vitórias, que antes de minhas são d'Ele.

Aos meus queridos pais, JOÃO E GILVANILDA, agradeço pelos cuidados e educação. Tudo o que sou devo ao amor que zelaram por mim. Tentando ser orgulho para pessoas tão amadas, hoje luto por mais um sonho. Minhas amadas irmãs, Geralda e Danielly que foram meu apoio nas dificuldades, minha gratidão é imensa. Em especial a caçulinha DIONE, não só por me apoiar, como também por digitar meus trabalhos, quando de tão cansada quase dormia na frente do computador(rsrsrs). Meus lindos sobrinhos JOSUÉ e KAUANNY, por tirar minha paciência nas horas de estudo e me alegrar nas horas de folga.

Minha gratidão também não podia deixar de alcançar a todos que fazem parte da UEPB, minha orientadora FRANCISCA EDUARDO, seus colegas professores da instituição, obrigado pela formação e ensinamentos que por mim foram adquiridos. As minhas colegasde curso, principalmente aquela companheira de grandes aventuras nos estágios, a quem por muitas vezes trocamos confidencias e conselhos, GEIZA. Meus sinceros agradecimentos por todos os momentos vividos juntas.

Minha segunda família, a IGREJA METODISTA que também dedico muito do que sou hoje. Grandes amigos, irmãos e companheiros encontrei lá. Nas alegrias e dificuldades estão sempre comigo me impulsionando a crescer a cada dia. Pessoas como TIA CEIÇA, TIO SUÊNIO, CAMILA, DAI,TALLES, E WELL, que para mim são grandes exemplos de cristãos. Minhas lindas do ADOR'ART essa vitória também é de vocês!

E por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu amado, grande amigo e companheiro FLÁVIO, obrigado meu querido por está sempre comigo suportando minhas tpms fora de época (rsrs) e me dedicando seu amor.

A todos aqueles que por falta de espaço não entraram aqui e que de alguma forma estiveram e estão próximos, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Simplesmente obrigado!

Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino.

(Provérbios 3: 13-14)

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM NOVO OLHAR ÀS VARIEDADES DA LÍNGUA NA PERSPECTIVADA HISTORIAEM QUADRINHOS.

OLIVEIRA, Simone Alves de

RESUMO

Este artigo consiste em uma análise em torno da experiência de regência vivida por nós, estagiárias da disciplina de Estágio Supervisionado IV, do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, no ano de 2011. Nossa experiência de ensino, voltada para o ensino médio, foi resultante da aplicação, em uma escola pública da cidade de Campina Grande – PB, de uma sequência didática produzida em torno do trabalho com o gênero HQ a partir da temática "preconceito linguístico". Nossa análise se desenvolveu a partir da seleção de textos e atividades que auxiliaram o desenvolvimento do saber crítico dos alunos, referente às exigências do gênero estudado. Obtivemos com este estudo resultados satisfatórios, haja vista que a sequência aplicada foi bem desenvolvida e atingiu os objetivos propostos, visando positivamente os resultados obtidos na aprendizagem dos alunos. Utilizamos como postulados teóricos os estudos de Mendonça (2006), Cunha (2002), PCN (2000), Marcuschi (2002), OCEM (2006**).**

Palavras Chave: Análise; História em Quadrinhos; Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This article is an analysis around the experience of conducting lived by us, the discipline of trainees Supervised IV, of course Full Degree in Literature from the State University of Paraiba, in the year 2011. Our teaching experience, dedicated to high school, was obtained by applying, in a public school in the city of Campina Grande - PB, a didactic sequence produced around the work on the genus HQ from the theme of "language bias". Our analysis is developed from the selection of texts and activities that helped the development of critical knowledge of the students, referring to the demands of the genre studied. We obtained satisfactory results with this study, given that the sequence applied was well developed and achieved its objectives, aiming to positively results in student learning. We use as theoretical postulates studies Mendonça (2006), Cunha (2002), PCN (2000), Marcuschi (2002), and OCEM (2006**).**

Keywords: Analysis; Comics; Prejudice Language.

SUMÁRIO

1. Introdução..... 9

2. Fundamentação Teórica..... 11

2.1 O ensino da Língua Portuguesa..... 11

2.2 O preconceito linguístico: uma questão de variedade da língua..... 12

2.3 Os gêneros textuais..... 13

2.4 Gênero, leitura e produção..... 15

2.5 As historias em quadrinhos..... 16

2.6 Trabalhando sequência didática em sala de aula..... 18

3. Metodologia..... 20

4. Análise dos dados..... 23

5. Considerações finais..... 24

6. Bibliografia..... 26

7. Anexos..... 28

8. Apêndices..... 39

Introdução

A formação de professores dá-se através de um longo percurso, responsável por envolver aquisições de conhecimentos linguísticos e culturais que se caracterizam com singularidade ao futuro do profissional docente. Um dos momentos mais significativos para a licenciatura encontra-se presente no estágio de regência e suas etapas. A realização deste é responsável por complementar à formação individual do futuro profissional de letras, haja vista que tal profissional, a partir desta experiência, poderá vivenciar de perto o cotidiano da sala de aula e as etapas que essencialmente antecedem a docência propriamente dita.

A capacitação de professores deve oferecer subsídios teóricos e práticos que sejam responsáveis pelo respaldo a uma boa formação profissional para os habilitados aos variados contextos educacionais. O estágio permite que o futuro profissional adquira clareza em suas ações, a fim de intervir e modificar a realidade. O exercício de qualquer profissão deve ser constituído por vários saberes, dentre eles convém mencionar as teorias, pois se colocam em um patamar importante para a formação do docente. Também possibilita que comecem a ser construídas as identidades dos futuros docentes. Entretanto sabemos que a identidade vai sendo construída de fato em nossa trajetória profissional, por meio das experiências e a história pessoal, no coletivo e na sociedade.

Em se tratando do componente curricular Estágio Supervisionado IV, convém observar que este integra as atividades de formação de professores de Letras em Língua Portuguesa, curso oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba, e que conta com a supervisão geral da docente Magliana Rodrigues, tendo como objetivo conduzir o aluno estagiário em torno das reflexões sobre a prática pedagógica e suas teorias de ensino de Língua Portuguesa, estudadas anteriormente nas aulas teóricas de preparação para os estágios de regência, fornecendo-lhes condições de base.

Para tanto, nossa regência ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada na Avenida Tavares S/N, no bairro do Santo Antônio, na cidade de Campina Grande, durante o período de setembro a novembro de 2011. Elaboramos uma sequência didática, a ser desenvolvida nas séries do ensino médio, em uma turma de curso piloto de Língua Portuguesa. Nossa sequência foi produzida em torno do trabalho com o gênero HQ (História em Quadrinho) a partir da temática “preconceito linguístico”. Nossa análise se desenvolveu a partir da seleção de textos e atividades que auxiliaram o desenvolvimento do saber crítico dos alunos, referentes às exigências do gênero estudado.

Em meio ao espaço físico, encontramos um ambiente de convivência escolar que busca criar para seus alunos e funcionários o favorecimento a aprendizagem culminando por converter aos alunos bons objetivos de ensino. As dependências da instituição em questão não estão em bom estado de conservação, suas salas de aula, apesar de amplas, comportam carteiras na sua maioria não se encontram em bom estado, assim como as janelas, portas e pintura. A escola possui ainda sala de vídeo e laboratório, sendo estes os espaços em que ocorreram nossas aulas.

Utilizamos, para os nossos estudos os postulados teóricos de Cunha (2002), Pereira (2010), Dionísio (2005), OCEM (2006), PCN (2000) e entre outros.

1. Fundamentação Teórica

O ensino de Língua Portuguesa

O estudo da Língua Portuguesa que decorre o Ensino Médio revela, em muitos pontos, a existência de práticas que contém perspectivas reducionistas que apontam a função da linguagem como simples instrumento para que pessoas possam interagir socialmente, e através da norma culta desta. No entanto, mesmo com a existência de inúmeras ações institucionais que tenham um constante desenvolvimento com relação à realização de incentivos que amenizam estas lacunas presentes nas práticas dos educadores, infelizmente ainda não são eficazes para proporcionarem a ultrapassagem do insucesso de professores e alunos.

Porém o ensino da Língua Portuguesa deve ser visto como uma construção de conhecimentos dos alunos e o professor passa a ser apenas um mediador. Nesse contexto, Possenti (2006) diz:

> Ensinar gramática pode continuar a ser um objetivo válido (...). Nesse sentido, o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas criar condições para que os alunos aprendam também às variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade. (POSSENTI, 2006, p. 83).

Muitos dos professores mostram-se a cada dia menos interessados com os referenciais teóricos que auxiliam o desenvolver de suas práticas, e este desinteresse pela teoria pode significar ao mesmo tempo um tipo de incompreensão do que vem a ser “teoria” e “prática” juntas, ou seja, a maneira que estas se interdependem ou se alimentem mutuamente.

É clara a ideia de que não se pode haver uma prática eficiente sem a existência de uma fundamentação, que auxilia no aprofundamento de princípios teóricos sólidos.

Na grande maioria do corpo docente, encontramos apenas conhecimentos gramaticais, que acabam por passar a ideia de que tudo o que constitui a língua em funcionamento significa ser tudo o que esta dentro de uma gramática e suas teorias.

Ressaltamos que, de acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006):

> A organização dos conteúdos, quando se trata de uma proposta curricular: o primeiro é a despreocupação com a listagem de conteúdos restritos à conceituação, classificação de tópicos gramaticais; e o segundo, decorrente do primeiro, é o fato de que estes conteúdos se destacam em cada prática de uso da oralidade ou da escrita, devendo-se eleger um foco para análise a

> cada movimento do processo, o que faz parte de uma proposta de avaliação formativa para a aprendizagem. (OCEM 2006, p. 32);

Desta maneira percebemos que o professor pode e deve embasar um trabalho eficaz da Língua Portuguesa, estando no ensino de teorias linguísticas do uso da prosódia, da morfossintaxe, da semântica, pragmática, teorias de texto, concepções de leitura, de escrita, concepções que se encontrem a cerca do uso interativo e funcional da língua. Na verdade, o ensino como assegura Bagno (2004) deve "estimular a expressão das experiências dos diferentes sujeitos, permitirem que eles assumam sua palavra, que torne sujeito de seus discursos" (BAGNO, 2004, p. 66).

Todo educador de Língua Portuguesa, é, além de educador, linguista e pesquisador, é um profissional que tem por base princípios teóricos e científicos, além de um observador de fatos que constituem a língua, ele pensa, reflete, e levanta hipóteses sobre estes fatos. E tais fatos só são suprimidos por meio de textos que constituem o objeto de estudo da língua.

O preconceito linguístico: Uma questão de variedade da língua

O ensino de língua portuguesa na maioria das escolas brasileiras está voltado para os moldes da exploração da gramática normativa, que envolve um conjunto de regras às quais os alunos devem seguir e análises de partes que compõem tipos de funções sintáticas das orações. Esse método de ensino acaba trazendo uma aversão a Língua Portuguesa, uma vez que, alguns estudantes sentem-se coagidos a dominar um dialeto que não estão acostumados. Como afirma Luft (1994):

> Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo. (LUFT, 1994, p. 21)

Nos dias atuais, o currículo escolar integra a questão de que toda língua é natural, e apresenta variações, ou seja, uma diversidade de usos a que correspondem muitos modos de expressão, inclusive características gramaticais que compõe o vocabulário. No Brasil, ainda que a língua falada pela grande maioria da população seja o português o idioma, em suas pragmáticas apresenta um grau elevado de diversidade e variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país, mas principalmente por causa da desigualdade social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Como assim Bagno (1999), afirma:

> Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito), muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar "do jeito que se escreve", como se essa fosse a única maneira "certa" de falar português (...). Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo!

A discriminação pelo uso linguístico é decorrência do preconceito social. E da mesma forma que existe um preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões, fala esta que representa diferenças em sua pronuncia, sendo essa uma das características para o "regionalismo", que por sua vez, também é um fenômeno lexical, ou seja, criação de termos diferentes para designar objetos ou eventos, ou ainda atribuir diferentes significados ao mesmo termo podendo ser assim um fenômeno semântico.

Nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. A língua falada é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade que integra, logo nos primeiros anos de vida. Nesse contexto, Perini (1997) afirma:

> Qualquer falante possui um conhecimento *implícito* altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é o fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudou gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a filosofia das pernas, ma que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas. (PERINI, 1997, p. 13)

As diferenças existentes em nossa língua não constituem erro, mas é uma consequência, entre outros fatores, das marcas deixadas pelas línguas originais que adentraram na formação do português falado no Brasil. São os "regionalismos linguísticos" que diferem quanto ao sotaque e pronuncia de cada região.

Os gêneros textuais

De acordo com Marcuschi (2002), as origens dos gêneros textuais provem na tecnologia e sua interferência nas atividades comunicativas. Para ele, os gêneros textuais são

instrumentos dinâmicos na situação comunicativa, já que se caracterizam por suas funções e práticas discursivas:

> Fruto de um trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. (MARCUSCHI, 2002, p. 19)

Os gêneros, portanto, surgem de necessidades advindas de atividades culturais da sociedade e suas evoluções, principalmente as tecnológicas, que são responsáveis pelo advento de grande parte dos gêneros textuais que hoje existem, se comparados aos existentes em comunidades do passado, que desenvolviam um número bem mais limitado de textos.

Na medida em que os gêneros surgem, muitos se caracterizam por sua difícil definição formal, visto que estes são contemplados em seus usos sociais discursivos, e assim como surgem, podem desaparecer, o que os caracteriza como eventos textuais maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Por serem dinâmicos plásticos e de alto poder de funcionalidade, os gêneros surgem como desmembramento de outros, pois como falamos e escrevemos por meio de gêneros, é notório que as nossas situações comunicativas circulem na sociedade das mais variadas maneiras, criando assim gêneros novos que se multiplicam e se adaptam ao funcionamento das atividades sociocomunicativas.

Como sabemos, há uma distinção entre gênero textual e tipo textual, mas, como os gêneros textuais apresentam características sociocomunicativas, percebemos que seria impossível a comunicação verbal sem o uso dos gêneros, e para saber o tipo de produção é que necessitamos saber o tipo textual a que se destina.

O trabalho com os gêneros textuais é tido como uma oportunidade de se lidar com a língua em seus diversos usos no dia-a-dia, pois eles se relacionam e tem funcionalidade tanto na oralidade quanto na escrita em seus usos culturais de circulação social. O conceito de gênero textual aplicado ao ensino permite, como meta principal a ser alcançada, uma boa relação do aluno com a infinita variedade dos textos circulantes em sociedade, habilitando-o a um uso bem mais eficaz da linguagem como leitor e produtos de textos (MARCUSCHI, 2006).

Gênero, leitura e produção textual.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) defendem que o ensino de língua portuguesa deve se organizar de modo que os alunos sejam capazes de expandir o uso da linguagem; utilizar diferentes registros, sabendo adequar as circunstâncias da situação comunicativa de que participam; conhecer e despertar as diferentes variedades linguísticas do português falado; compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de comunicação social; valorizar a leitura como fonte de informação; utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem e usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de analise crítica (PCN, 2000).

Reconhecemos, portanto, que a finalidade do ensino da língua portuguesa é a expansão das possibilidades do uso da linguagem. E pelo fato da língua ser um veículo de representação e ter um caráter de intervenção social, é necessário que a prática pedagógica, conceda o objetivo de formar cidadãos capazes de pela leitura do mundo, atuarem sobre ele melhorando-o. Isto é possível mediante a compreensão dos gêneros textuais que uma boa formação escolar como leitores e produtores de texto pode oferecer.

No que tange ao trabalho com a produção de textos, a escola o trata, na maioria das vezes como sendo algo desafiador, não exclusivamente dos alunos, sujeitos de quem são cobradas as atividades de escrita. Os professores também sentem dificuldades na condução de tal processo, principalmente no que diz respeito à aplicabilidade das teorias por eles estudadas. É com base no interesse em investigar os aspectos que se relacionam com o processo da escrita existem estudos em torno do assunto ao longo dos últimos anos, uma vez que as práticas de linguagem e escrita envolvem dimensões que vão além dos limites da materialidade do texto.

O processo de reescrita tem sido cada vez mais mencionado nos ambientes escolares. A cada dia os professores conhecem novas orientações que servem de base para a intervenção diante dos textos produzidos por seus alunos. Portanto, é importante e necessário que o aluno não tenha apenas a oportunidade de escrever com frequência, mas que também tenha a oportunidade de refletir em torno de seus textos utilizando para essa reflexão a orientação para os seus desvios para que em sequência possa ser possível reelaborar suas produções. De acordo com os postulados de Pereira (2010, p. 181) “A escrita deve ser vista como um processo, uma prática constituída de várias ações: planejamento, textualização, revisão e reescrita”, em que a revisão se caracteriza como um acontecimento que advém de todo o processo textual e a reescrita diz respeito ao momento que determina o final da textualização.

Em torno de todas estas etapas, torna-se necessário aqui destacar que o objetivo principal da sequência didática que programamos esta voltada para auxiliar o aluno na aquisição voltada ao gênero que ele desconhece ou em que não é proficiente, uma vez que é na sequência didática que temos a possibilidade de desenvolver um conjunto de atividades organizadas de maneira sistemática. Em virtude disso, procuramos fundamentar nossa experiência de regência com a aplicação de uma sequência didática produzida em torno do trabalho com o gênero história em quadrinhos a partir da temática "preconceito linguístico".

1.5- As Histórias em Quadrinhos

Não sabemos ao certo de datas que comprovem precisamente a origem das histórias em quadrinhos (HQs), porém, acreditamos que tenha surgido desde a idade da pedra, posto a descoberta de desenhos e símbolos que os nativos deixavam inscritos por onde passavam. Tais pinturas rupestres, que consiste na utilização de desenhos para a comunicação, caracterizaram-se como um recurso que atravessou milênios, e foi utilizado por diversas civilizações, que os associavam ou não à linguagem verbal.

Entretanto, sabemos que um dos primeiros super-heróis de histórias em quadrinhos a se tornar ídolo das crianças, jovens e adultos foi o *Superman*, de Joel Schuster e Jerry Siegel, criado no ano de 1938. As HQs advieram da busca por novos meios de comunicação e expressão gráfica e visual, após o avanço da imprensa, tecnologia e de novos meios de comunicação de massa.

Sabe-se que durante as primeiras décadas (que décadas?) de sua popularização os quadrinhos eram essencialmente humorísticos, sendo essa a explicação para o nome que empregam ainda hoje, a partir da nomenclatura "*comics*", cômicos, no português.

As histórias traziam em seus temas basicamente travessuras de crianças e bichinhos, já que as HQs eram mais trabalhadas nas áreas de educação infantil. Hoje são também utilizadas na área do jornalismo, política, ensino-aprendizagem, dentre outros.

As HQs são ainda inseridas em contextos de várias atividades que possibilitam ao estudante a criação de suas próprias narrativas, despertando a criatividade e o desenvolvimento da leitura e da escrita. Nesse sentido, Vergueiro (2009) assegura que:

> Os quadrinhos são, sem dúvida, um riquíssimo material de apoio didático. Sendo bem trabalho (o que poucas vezes acontece), propõem aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o uso da língua portuguesa (VERGUEIROS, 2009, p. 66).

Compreendemos que a inserção das HQs no ensino pode auxiliar muito o desenvolvimento não apenas das modalidades de leitura e escrita, mas também pelo seu poder de interferência linguística, cultural, política e social que trazem em seu contexto, visto que as HQs na maioria das vezes trazem críticas, crenças, fatos históricos e do cotidiano, dentre outros temas socialmente discutidos e atuais, que contribuem para o crescimento de pessoas intelectualmente críticas.

Em termos visuais, as histórias em quadrinhos são de fácil identificação dada à peculiaridade existente em cada quadro, desenhos e balões que a compõem. Mesmo assim, as HQs se caracterizam como um gênero complexo, e tão complexo quanto os outros, com base em seu funcionamento discursivo. Nestes termos, como nos diz Mendonça (2006, p.195), "categorizá-las exige um grande esforço de sistematização, tendo em vista a multiplicidade de enfoques possíveis".

Muitos autores caracterizam as histórias em quadrinhos como sendo um gênero narrativo gráfico-visual, impulsionado por cortes sucessivos, responsáveis por conduzir imagens rabiscadas, desenhadas ou pintadas. A HQ, ainda faz uso de fatos, de tamanhos e de tipos de letras diferentes, permitindo construções de vários significados por parte dos leitores.

A proposta das HQs nos livros didáticos garante um engajamento ao mundo em que os alunos estão inseridos ou como curiosidades. Nesse contexto, Marcuschi (2002) postula:

> Uma análise dos manuais de Língua Portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nessas obras. Contudo, uma observação mais atenta revela que essas variedades não correspondem a uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais e básicas são sempre os mesmos. Os demais figuram apenas para "enfeite" e até para distração dos alunos. São poucos os casos de tratamento dos gêneros de maneira sistemática (MARCUSCHI, 2002, p. 35).

Em se tratando dos elementos que são utilizados para narraras histórias, os quadrinhos têm uma relação com o cinema e com os desenhos animados. Com o passar do tempo, as HQs ganharam sua autonomia a passaram a se desenvolver em publicações especializadas, denominadas "gibis". Nos dias de hoje podemos encontrá-las em jornais, outros veículos midiáticos, boletins informativos de empresas, e revistas voltadas ao âmbito educativo do universo infantil.

Nos gibis encontramos várias HQs reunidas, privilegiando, no entanto, as narrativas longas, diferente do espaço contido nas tirinhas.

As tirinhas se diferem das HQs por sua economia de espaço, uma vez que sua narrativa apresenta um desfecho curto. A tirinha é tida como um gênero multimodal muito presente no universo jornalístico, que realiza uma combinação entre imagem, texto, humor e crítica social, tratando de comportamentos e fatos sociais de maneira mais geral.

A construção discursiva que integra a tirinha é complexa, pois combina ações, caracterização dos personagens e discurso verbal. É por este ponto que se justifica o motivo pelo qual o verbal e o não verbal presentes neste gênero, precisam ser lidos, analisados e interpretados conjuntamente.

1.6- Trabalhar sequência didática em sala de aula

Um bom trabalho com gêneros textuais deve se agregar o estudo dos fenômenos linguísticos em acordo com as estratégias discursivas e comunicativas. Para isso, Mendonça (2006) diz que:

> […] a análise linguística é parte das práticas de letramento escolar, constituindo numa reflexão explícita e sistemática (ou gramatical), textual, discursiva e também normativa, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, de produção de textos orais e escritos e de análise e sistematização dos fenômenos linguísticos (MENDONÇA, 2006, p. 101).

Por isso com a análise linguística permite ser realizada uma atividade reflexiva, através de situações didáticas, ou seja, do planejamento até a reescrita, abrindo espaço para direcionamentos da produção de sentidos que vão contribuir para a formação de leitores e escritores proficientes em um grande leque de gêneros textuais.

Para Schenewly, Dolz e Noverraz (2004) a “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (SCHENEWLY, DOLZ e NOVERRAZ, 2004, p. 97).

Permitindo os trabalhos dos gêneros em diferentes níveis. A sequência didática começa com a apresentação da situação que tem como foco preparar o aluno para a primeira produção. Já a produção inicial aponta as capacidades que o aluno possui, permitindo que se conscientizem de seus pontos fracos.

Essa primeira produção não deve obter nota, pois faz pare de um momento de avaliação. Sendo assim, o professor terá a oportunidade de ir em buscar de soluções e se possível oferecer um ensino mais individualizado.

Em sua próxima etapa a sequencia didática é constituída por módulos, segundo Schenewly, Dolz e Noverraz (2004). Nele o professor trabalhará os problemas encontrados na primeira produção, trazendo para o aluno os instrumentos necessários para concertar suas falhas.

A sequência didática trabalha primeiramente dos aspectos mais complexos até os mais simples, finalizando com o mais complexo que é a produção final. Esta dá “ao aluno a possibilidade de por em prática as noções de instrumentos elaborados separadamente nos módulos” (SCHENEWLY, DOLZ e NOVERRAZ, 2004, p. 106).

Pode ser incluída na produção final a etapa de divulgação do gênero produzido, fornecendo a ideia de destinatário, permitindo que o aluno ponha em prática as noções que foram aprendidas.

2. Metodologia

Nossa experiência de estágio, como mencionada na parte introdutória deste artigo, desenvolveu-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand em, no bairro Santo Antonio, na cidade de Campina Grande – PB. Elaboramos, para tanto, uma sequência didática, a ser desenvolvida nas séries do ensino médio, em uma turma de curso piloto de Língua. Os alunos possuíam uma faixa etária entre os 16 e 25 anos, uma vez que a turma era composta pelos três anos que compõem o ensino médio (1º, 2º e 3º).

Este estudo foi realizado no decorrer do componente curricular Estágio Supervisionado IV durante o período de setembro a novembro de 2011, tendo em vista que o estágio supervisionado anterior (III) se constituiu no desenvolvimento de nossas monitorias nas turmas de ensino médio, servindo este de base para que pudéssemos desenvolver a nossa regência.

Assim, participamos contínua e ativamente de todas as atividades propostas pelo curso piloto, tirando dúvidas e orientando os alunos, principalmente ao longo do desenvolvimento do trabalho em torno das histórias em quadrinhos, momento destinado à nossa regência, em que pudemos identificar as dificuldades de cada um, desenvolvendo uma visão abrangente do conhecimento em torno da compreensão e produção da escrita dos alunos que participaram do curso piloto.

Vale salientar que por se tratar de um curso piloto desenvolvido por uma turma de regentes, o trabalho com as HQs se realizou na manhã do dia 31 de outubro de 2011, em um intervalo de 3hrs. O conteúdo estudado contemplou a história do surgimento do gênero, sua estrutura, aspectos linguísticos, e temática, que no gênero em questão, se tratou do preconceito linguístico presente nas histórias em quadrinhos do personagem “Chico Bento”. Dessa forma, adotamos os seguintes procedimentos para implementar e executar nossa sequência didática.

- Apresentação da temática, debatida com a exibição do desenho animado, em DVD, “Chico Bento no Shopping”;
- Apresentação da HQ impressa “Chico Bento no Shopping”;
- Realização de leitura e interpretação de textos teóricos;
- Realização e análise com enfoque nos regionalismos. Apresentamos à turma outra HQ: “Chico Bento em: a aula é sobre o quê?”

- Apresentação da estrutura do gênero, a partir da análise e reflexão do estudo em torno dos usos dos elementos presentes nas HQs como: personagens, linguagem, código das imagens, balões e onomatopéias.
- Discussão a partir da leitura da HQ não verbal “Zé Lelé em: Fror, Froris, Flores”, os recursos expressivos existentes no texto não verbal
- Destaque para relação existente entre as semelhanças e diferenças nos gêneros tirinha e histórias em quadrinhos
- Realização de uma atividade escrita que contemplou a produção de uma história em quadrinhos pelos alunos. As HQs foram produzidas dentro do conteúdo programático, e sugeria que os alunos obtivessem como foco todos os passos desenvolvidos durante a aula.

3. Análise dos dados

Nossa intervenção ocorreu, a partir do trabalho com o recurso áudio visual, que foi responsável por fornecer aos alunos o conhecimento em torno do gênero e suas especificidades. Ressaltando a importância da narrativa não apenas no que concerne o âmbito escolar, como também outros gêneros que vigoram na sociedade, a exemplo dos gêneros midiáticos.

Com os resultados obtidos conseguimos analisar a aula ministrada e perceber a importância da HQ nas aulas de Língua Portuguesa, como um recurso metodológico possível de trazer a reflexão e a criticidade do alunado.

Apresentamos a temática com o auxilio de um debate a partir da exibição do desenho animado, em DVD, "Chico Bento no Shopping", a fim de provocar uma discussão com base nos posicionamentos dos alunos com relação à situação vivida pelo personagem na história, dando ênfase ao preconceito em relação aos moradores de regiões rurais que se percebe no ambiente urbano, representado no primo de Chico Bento. Realizamos ainda indagações a respeito das diferenças de sentidos atribuídas à utilização das coisas e à nudez para Chico e os moradores da cidade.

A apresentação da HQ impressa "Chico Bento no Shopping" (ver anexo) deu continuidade às discussões e auxiliou o entendimento dos alunos com relação ao gênero e suas especificidades. Nesta fase pudemos perceber o quanto os alunos conheciam o gênero, o que nos fez perceber o valor de nossa contribuição ao realizar o trabalho com um gênero descontraído e bem humorado, que foi responsável por despertar o interesse dos alunos com relação ao texto e sua temática.

Realização de leitura e interpretação de textos teóricos (ver anexo) cujo enfoque se destinou ao preconceito linguístico, regionalismo e estrangeirismo, presentes na HQ, bem como a esclarecer que a linguagem pode ser mais ou menos formal, dependendo da situação comunicativa em que o sujeito está inserido, fornecendo-lhes, assim, elementos facilitadores no processo de constituição das HQs, trouxe um bom entendimento à atividade que viria a ser desenvolvida posteriormente.

Em sequência, realizamos análise com enfoque nos regionalismos. Apresentamos à turma outra HQ: "Chico Bento em: a aula é sobre o quê?" (ver anexo), com o intuito de fazer com que a turma compreendesse que a diversidade linguística existente no Brasil, como consequência da grande diversidade cultural é responsável por deixar marcas na riqueza do vocabulário da pronuncia. Assim, os regionalismos presentes na história de Chico Bento não

constituem erro, e sim uma consequência das marcas deixadas pelas línguas originais que adentraram na formação do português falado no Brasil.

Apresentamos a estrutura do gênero, a partir da análise, reflexão e estudo em torno dos usos dos elementos presentes nas HQs como: personagens, linguagem, código das imagens, balões e onomatopéias. Utilizamos, para tanto, textos xerocopiados (ver anexo) contendo alguns apontamentos do conteúdo para a melhor compreensão e estudo.

Foi discutido a partir da leitura da HQ não verbal "Zé Lelé em: Fror, Froris, Flores", (ver anexo), os recursos expressivos existentes no texto não verbal como a fisionomia e gestos dos personagens, mostrando o que difere do texto verbal, tendo em vista que nele temos a linguagem que utiliza além das imagens, as palavras. Aproveitando esse momento destacamos a relação existente entre as semelhanças e diferenças entre os gêneros tirinha e histórias em quadrinhos, a fim de deixar claro para os alunos que a tirinha difere da HQ, em virtude de sua extensão ser menor, de seu caráter eminentemente crítico e muitas vezes humorístico, que foi responsável por momentos de descontração na sala de aula.

Por fim realizamos uma atividade escrita que contemplou a produção de uma história em quadrinhos pelos alunos. As HQs foram produzidas dentro do conteúdo programático, e sugeria que os alunos obtivessem como foco todos os passos desenvolvidos durante a aula.

Para compor nosso trabalho selecionamos todas as HQs que foram elaboradas pelos alunos. Salientamos que apesar da turma ser composta por dez alunos inscritos no curso, apenas quatro HQs foram entregues (ver anexo), já que na data marcada para a intervenção tivemos apenas a presença destes alunos.

Avaliando a atividade produzida, destacamos o déficit dos alunos no que diz respeito à produção textual. Apesar de apresentar no decorrer da aula uma habilidade para se expressar é notável a dificuldade que os alunos decorrentes do ensino público, em sua maioria, detêm para transferir suas ideias da oralidade para a escrita.

A participação da pequena turma era regular durante todo o curso em especial na aula em questão, a presença de poucos alunos não impediu a interatividade ativa entre docente e discente sobre tudo no momento em que foi discutido o regionalismo, onde demonstraram ter assimilado bem o conteúdo.

No entanto percebemos que o material poderia ter sido mais bem explorado, com uma abordagem mais intensa deixando aos recursos didáticos a oportunidade de transformar a aula mais envolvente.

4. Considerações finais

Através dos meios de comunicação obtemos informações abundantes e variadas, de maneira atrativa, constituídas de valores e concepções diversas. Torna-se de suma importância utilizar nas situações escolares os acontecimentos adquiridos fora da escola, assim como é fundamental dar condições para que os alunos possam se relacionar com a diversidade de informações sociais que existem.

A escola é considerada um espaço de construção do conhecimento e de socialização do saber, é ainda, um ambiente de discussão, de troca de experiências e até mesmo de construção de uma nova sociedade, nesta concepção, torna-se importante a utilização de recursos áudio visuais no âmbito escolar a fim de desenvolver nos alunos reflexões, criticidade, atenção, memória e análises, sendo estas, habilidades relevantes à leitura de muitos gêneros textuais a exemplo das histórias em quadrinhos (HQs).

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) afirmam que o trabalho com recursos áudio visual pode ser de grande utilidade para a realização de diversas atividades linguísticas, uma vez que possibilitam o acesso a textos que combinam linguagens verbais e não verbais por meio de atividades didáticas interessantes a organização de situações de aprendizagem da língua e suas variedades.

Ressaltamos ainda a importância da leitura, mostrando-lhes que esta pode ocorrer de maneira prazerosa, já que as narrativas das histórias em quadrinhos se caracterizam por sua linguagem leve, e deixa margens para os alunos conhecerem pontos da cultura popular, como as variações linguísticas, o regionalismo e estrangeirismos que vigoram nossa sociedade.

Deste modo, ficou evidente que a utilização das HQs em sala de aula evidencia o desenvolver de um ensino de língua portuguesa que foge aos moldes tradicionais e que se tornam capaz de desenvolver a competência comunicativa dos alunos, adequando-as as mais diversas situações formais e informais que comporta a língua.

Evidenciamos ainda que a abordagem analítica das histórias em quadrinhos não deve se limitar apenas a aspectos formais, pois, é preciso que se unifiquem conhecimentos sobre as diferentes tradições de quadrinhos, já que os produtos culturais oferecem representações da realidade das sociedades.

Ressaltamos a necessidade de a escola explorar a leitura das imagens que compõem o gênero HQ, tendo em vista que ao realizarem nossa proposta de atividade os alunos pouco observaram este aspecto, o que em termos prejudicou alguns pontos de seu desempenho no desenvolver da atividade, já que a leitura das imagens é fundamental para que o leitor

compreenda o desenvolvimento da narrativa que é resultante da combinação de muitos elementos presentes no gênero.

Por isso, é importante o trabalho com o gênero, contado com o apoio da produção textual, longe dos padrões de produção que vigoram nos livros didáticos, inserida também no âmbito da temática proposta.

Partimos, portanto, da ideia de que a língua portuguesa deve ser trabalhada com o intuito de ensinar ao aluno a utilizar os textos em suas interações com as práticas sociais, abordando a reflexão crítica e imaginativa dos alunos. As práticas de trabalho com a linguagem tiveram como objetivo desenvolver nos alunos o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso da linguagem.

Bibliografia

A Influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: Um processo de globalização, ideologia, e comunicação. Disponível em: HTTP://cariebookgratis.com/pdf/livro-a influenciadosestrangeirismos.pdf.html. Acesso em: 25 de Outubro de 2011.

BAGNO, M. **Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa.** 6 ed. São Paulo: Parábola, 2004.

Elementos para análise das Histórias em Quadrinhos. INTERCOM- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/ MS – Setembro 2001. Acesso em: 25 de Outubro de 2011.

Historia imagens e narrativas: História das Histórias em Quadrinhos. Disponível em: HTTP://www.historiaimagem.com.br. Acesso em: 25 de Outubro de 2011.

LUFT, C. P. **Língua e liberdade**. 3 ed. São Paulo: Ática. 1994

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: definições e funcionalidades**. IN: DIONÍSIO, A.P. ET all. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MENDONÇA, M. & BUNZEN, C. (orgs). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

OCEM, **Orientações Curriculares para o ensino Médio**, Volume 1. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

PCN, **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa / Ministério da Educação. Ensino Médio, 2000.

PEREIRA, R. C. (org.). **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 2 ed. São Paulo. Ática 1996

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 16 reimpressão. Campinas SP: Mercado das Letras, 2006.

SCHENEWLY, B.& DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

VERGUEIROS, W. **Uso das HQs no ensino**. IN: BARBOSA ET all. Como usar histórias em quadrinhos em sala de aula. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

ANEXOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Primeiro Momento: Apresentando a temática

- Realizar um debate sobre a temática a partir da exibição do desenho animado "Chico Bento no Shopping";
- Provocar uma discussão com base nas ideias/ posicionamentos dos alunos com relação à situação vivida no desenho, com base nos seguintes pontos:
    - O preconceito existente com os moradores de regiões rurais, presente na fala do primo de Chico Bento ao tratá-lo como sendo um "bicho do mato";
    - As diferenças de sentido presente na utilização das coisas – chafariz – e a nudez para Chico e os moradores da cidade;

- Nos dias atuais percebemos a existência de inovações responsáveis por acarretar em modificações em torno da utilização da Língua Portuguesa. A linguagem, portanto torna-se mais ou menos formal, dependendo da situação comunicativa que o falante esteja inserido e o grau de intimidade existente entre estes.

Segundo Momento: Conhecendo as Variedades Linguísticas

- Distribuir a história em quadrinho "Chico Bento no Shopping", a fim de iniciar o conhecimento das variedades linguísticas;
- Esclarecer que a linguagem pode ser mais ou menos formal, dependendo da situação comunicativa;
    - **Linguagem Formal:** Utilizada em situações formais <u>seja por escrito</u> (correspondências para empresas, artigos de jornais e revistas, livros didáticos), <u>seja oralmente</u> (conferências, reuniões de negócios, discursos, entrevista de emprego). Em termos gerais a empregamos quando alguém se direciona a um interlocutor com quem não tem proximidade.
        - ✓ **Exemplificando:** Ao nos comunicarmos com uma autoridade ou comparecermos a uma entrevista de emprego, devemos utilizar da formalidade em uma seleção cuidadosa de palavras e vestimenta.

- **Linguagem Informal:** Utilizada em situações informais. Apresenta uma estrutura com construções mais simples, que permitam abreviações, diminutivos, gírias e construções sintáticas que não seguem a norma formal da língua.
    - ✓ **Exemplificando:** Ao comunicarmos com amigos, pessoas com quem possuímos certo grau de intimidade.

Terceiro Momento: Regionalismo

- Explicar que o Brasil é um país de dimensões continentais e mesmo assim possui uma língua única com uma grande diversidade cultural que deixam marcas na riqueza do vocabulário da pronuncia;
- Analisar os regionalismos presentes na história de Chico Bento e que estas não constituem erro;
    - As diferenças existentes em nossa língua não constituem erro, mas são uma consequência das marcas deixadas pelas línguas originais que adentraram na formação do português falado no Brasil. Existem diversas variantes linguísticas que variam de acordo com as regiões que vivemos. São os regionalismos linguísticos que diferem quanto ao sotaque e pronuncia de cada região.

Quarto Momento: Estrangeirismos

- Discutir a aceitação dos estrangeirismos, pelas pessoas da cidade, e não entendidas por Chico Bento, a exemplo das palavras: Shopping Center, Mac Burg, big shoes, etc.
- Esclarecer que os estrangeirismos existem uma vez que nossa cultura recebe influencias de outras culturas de diversos países do mundo;
    - Algumas palavras são empregadas a nosso vocabulário sem modificar a forma original ou sua pronuncia, mesmo existindo o termo “aportuguesado”. Uma palavra que é considerada um estrangeirismo pode, com o passar do tempo, ser incorporada ao cotidiano do falante e ao vocabulário da língua. Nos dias atuais observa-se o uso cada vez mais freqüente de estrangeirismos.

Quinto Momento: Conhecendo a estrutura do gênero

- Análise, reflexão e estudo em torno dos usos e características presentes nas histórias em quadrinhos;

- **História em Quadrinhos (HQ)**

As historias em quadrinhos (HQs) se compõem de desenhos em sequência que narram uma história, que pode ou não ter humor como efeito de sentido.

Na sequência de desenhos, a comunicação se estabelece por meio de imagens identificadas pelo emissor (conduz a mensagem) e pelo receptor (recebe a mensagem). Para que possamos ler uma historia em quadrinhos, é preciso interpretar imagens, relacioná-las com as palavras e perceber sequências de causa de efeito.

Sexto Momento: Diferença entre tirinha e história em quadrinhos

- Explicar que a tirinha, diferente da historia em quadrinho, possui uma extensão menor, além de possuir um caráter critico e muitas vezes humorístico. Possuem em semelhança muitas das características da história em quadrinho como: personagens, balões, linguagem, e onomatopeias.

Sétimo Momento: Diferença entre o texto verbal e o não verbal

- Com base na História em Quadrinho não verbal “Zé Lelé em Fror, Froris, Flores”, explicar as unidades existentes no texto não verbal, a exemplo de: fisionomia, gestos e imagem, mostrando que este se difere do texto verbal uma vez que no texto verbal temos uma linguagem que se utiliza de imagens e palavras;

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DO ESTÁGIO: E. E. E. F. M. ASSIS CHATEAUBRIAND
CURSO PILOTO: Língua
PROFESSOR SUPERVISOR: Magliana Rodrigues da Silva
ALUNAS ESTAGIÁRIAS: Geiza Rafaeli
Simone Alves

ALUNO_____

VARIEDADES LINGUÍSTICAS

No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um grau elevado de diversidade e variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país, mas principalmente por causa da injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo.

Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder. É claro que essas pessoas também falam o português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que, no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referencial ideal.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários.

O preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social. E da mesma forma que existe um preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões.

REGIONALISMO

Nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Afinal, a língua falada é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida.

As diferenças existentes em nossa língua não constituem erro, mas são uma consequência das marcas deixadas pelas línguas originais que adentraram na formação do português falado no Brasil. Existem variantes linguísticas de acordo com as regiões que vivemos. São os regionalismos linguísticos que diferem quanto ao sotaque e pronuncia de cada região. Observe os exemplos:

ASSALTANTE BAIANO

Ô meu rei... (pausa)
Isso é um assalto... (longa pausa)
Levanta os braços, mas não se avexe não... (outra pausa)
Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado...
Vai passando a grana, bem devagarinho (pausa pra pausa)
Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado.
Não esquenta, meu irmãozinho, (pausa)
Vou deixar teus documentos na encruzilhada.

ASSALTANTE MINEIRO

Ô sô, prestenção
Issé um assarto, uai.
Levantus braço e fica ketin quié mio procê.
Esse ter, na minha mão tá chein de bala...
Mió passá logo os trocados que eu num tô bão hoje...
Vai andando, uai! Tá esperando o quê, sô?!

ASSALTANTE NORDESTINO

Ei bichin... isso é um assalto... arriba os braços e num se bula nem faça muganga...
Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não eu enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora!
Perdão meu Padim Ciço, mas é que to com uma fome da moléstia...

ASSALTANTE GAÚCHO

Ô, guri, ficas atento... bah, isso é um assalto...
Levanta os braços e te aquietas, tchê!
Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê.
Passa as pilas pra cá!
E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala.

ASSALTANTE CARIOCA

Seguinte bicho... te deu mal.
Isso é um assalto.
Passa a grana e levanta os braços rapá...
Não fica de bobeira que eu atiro...
Vai andando e, se olhar pra trás, vira presunto...

ASSALTANTE PAULISTA

Pô meu... isso é um assalto, meu...
Alevanta os braços, meu...
Passa a grana logo, meu...
Mais rápido, meu...
Que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra comprar o ingresso do jogo do corinthias, meu...
Pô, se manda, meu...

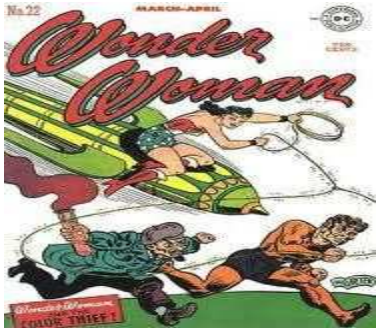
ESTRANGEIRISMOS

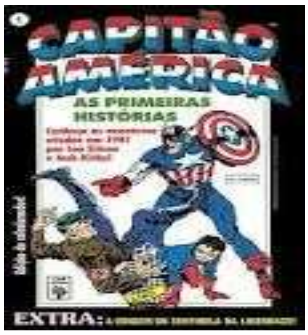
Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso do Brasil, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras, que mesmo inseridas ao vocábulo, não alteram as estruturas da língua. Os estrangeirismos se representam como um empréstimo de expressões advindo da necessidade em utilizar um vocábulo estrangeiro diante da falta de semelhante, existente na língua portuguesa, e que nos dias atuais, passou a ser empregado como recurso de afirmação de identidade cultural. Veja os exemplos abaixo:

HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As primeiras aparições das Histórias em Quadrinhos datam do começo, com o intuito de realizar uma procura por novos meios de comunicação e expressão gráfica e visual. A partir do avanço da imprensa, da tecnologia e de novos meios de impressão, foram dadas possibilidades de desenvolvimento a esse meio de comunicação em massa.

Nas primeiras décadas os quadrinhos eram essencialmente humorísticos, motivo pelo qual ate hoje carrega o nome em inglês ***comics*** (cômicos). Os temas abordados pelas histórias eram basicamente travessuras de crianças e bichinhos. Veja abaixo algumas das primeiras ilustrações:

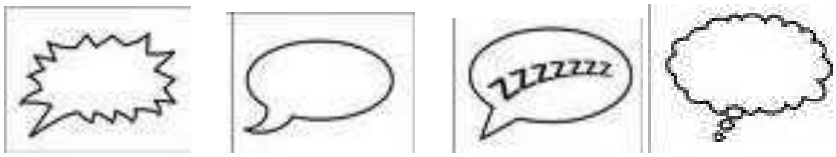




ESTRUTURA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

- **Linguagem**
  Sua linguagem é definida em geral por utilizar da combinação de textos e desenhos em sequência. O desenho é o principal diferencial das historias em quadrinhos, combinam imagem e texto que através de um encadeamento de quadros, narram uma história ou ilustram uma situação.

- **Balões**
  O que dá a marca da linguagem dos quadrinhos são os balões, o espaço onde a fala ou os pensamentos dos personagens são inseridos, os balões são ainda responsáveis por demarcar a diferença existente entre os quadrinhos e qualquer outra forma de narrativa. Veja alguns exemplos:



- **Onomatopeias**

Recurso presente nas historias em quadrinhos responsável por indicar intensidade nos fotos ocorridos, dando a possibilidade para que o leitor possa “escutar” sem que nenhum som seja emitido. As onomatopeias são representadas por: palavras, letras, sinais e desenhos, que buscam reproduzir sons, ruídos, ideias, etc. Exemplos:

TIRINHA

Diferente da História em Quadrinho possui uma extensão menor, além de possuir um caráter critico muitas vezes humorístico. Possuem, em semelhança, muitas das características da história em quadrinho como: personagens, balões, linguagem, e onomatopeias.

Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 6638

Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 6614

Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 6586

APÊNDICE

HQs produzida pelos alunos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DO ESTÁGIO: E. E. E. F. M. ASSIS CHATEAUBRIAND
CURSO PILOTO: Língua
PROFESSOR SUPERVISOR: Magliana Rodrigues da Silva
ALUNAS ESTAGIÁRIAS: Geiza Rafaeli
Simone Alves

ALUNO Anderson Bruno Andrade Nogueira

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1- De acordo com o que foi exposto na aula no que se refere a Histórias em Quadrinhos, observe a sequência e os aspectos não-verbais e crie uma história.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DO ESTÁGIO: E. E. E. F. M. ASSIS CHATEAUBRIAND
CURSO PILOTO: Língua
PROFESSOR SUPERVISOR: Magliana Rodrigues da Silva
ALUNAS ESTAGIÁRIAS: Geiza Rafaeli
Simone Alves

ALUNO Talisson Xavier de Lima

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1- De acordo com o que foi exposto na aula no que se refere a Histórias em Quadrinhos, observe a sequência e os aspectos não-verbais e crie uma história.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DO ESTÁGIO: E. E. E. F. M. ASSIS CHATEAUBRIAND
CURSO PILOTO: Língua
PROFESSOR SUPERVISOR: Magliana Rodrigues da Silva
ALUNAS ESTAGIÁRIAS: Geiza Rafaeli
Simone Alves

ALUNO Fábio Alves da Silva

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1- De acordo com o que foi exposto na aula no que se refere a Histórias em Quadrinhos, observe a sequência e os aspectos não-verbais e crie uma história.

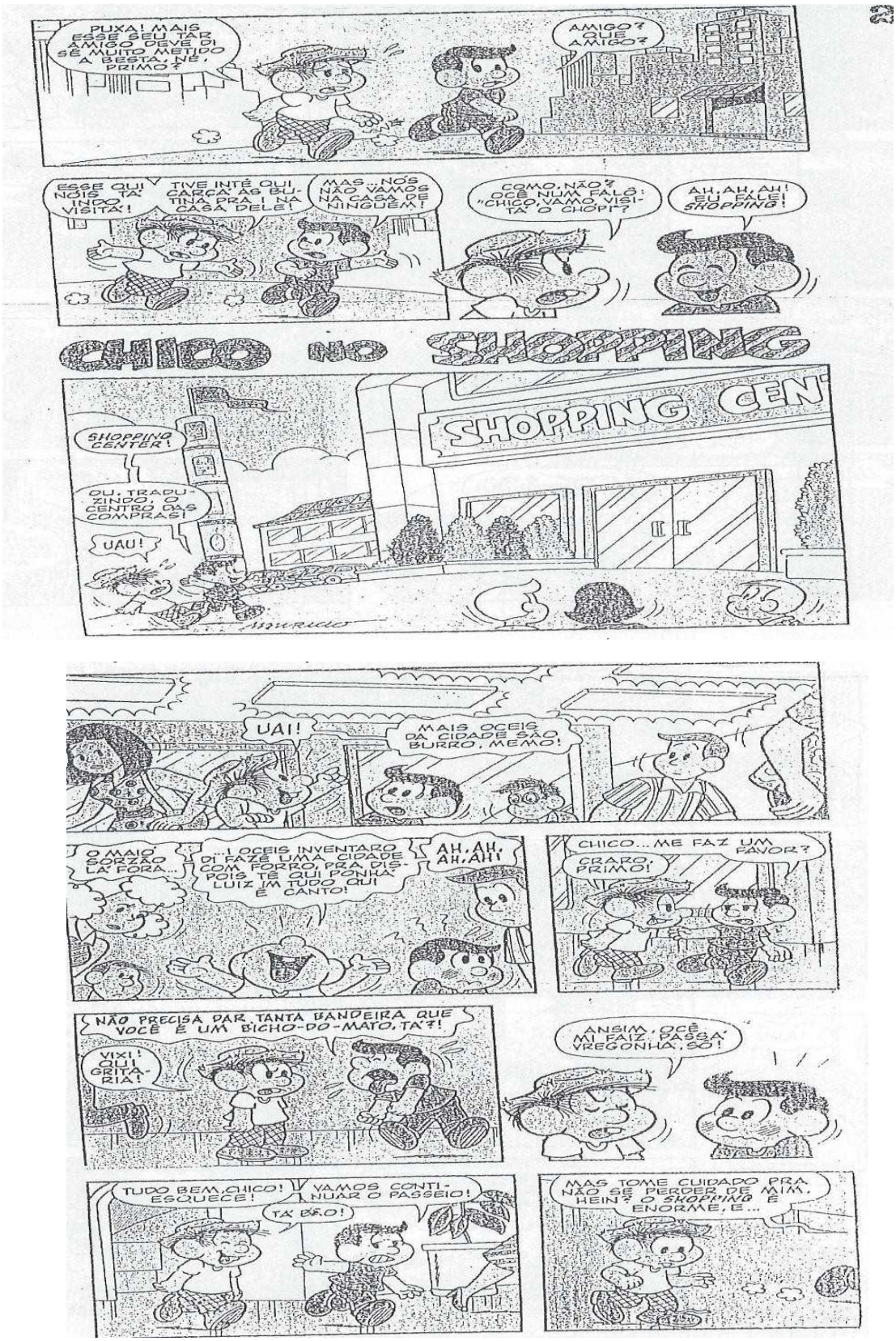
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DO ESTÁGIO: E. E. E. F. M. ASSIS CHATEAUBRIAND
CURSO PILOTO: Língua
PROFESSOR SUPERVISOR: Magliana Rodrigues da Silva
ALUNAS ESTAGIÁRIAS: Geiza Rafaeli
Simone Alves

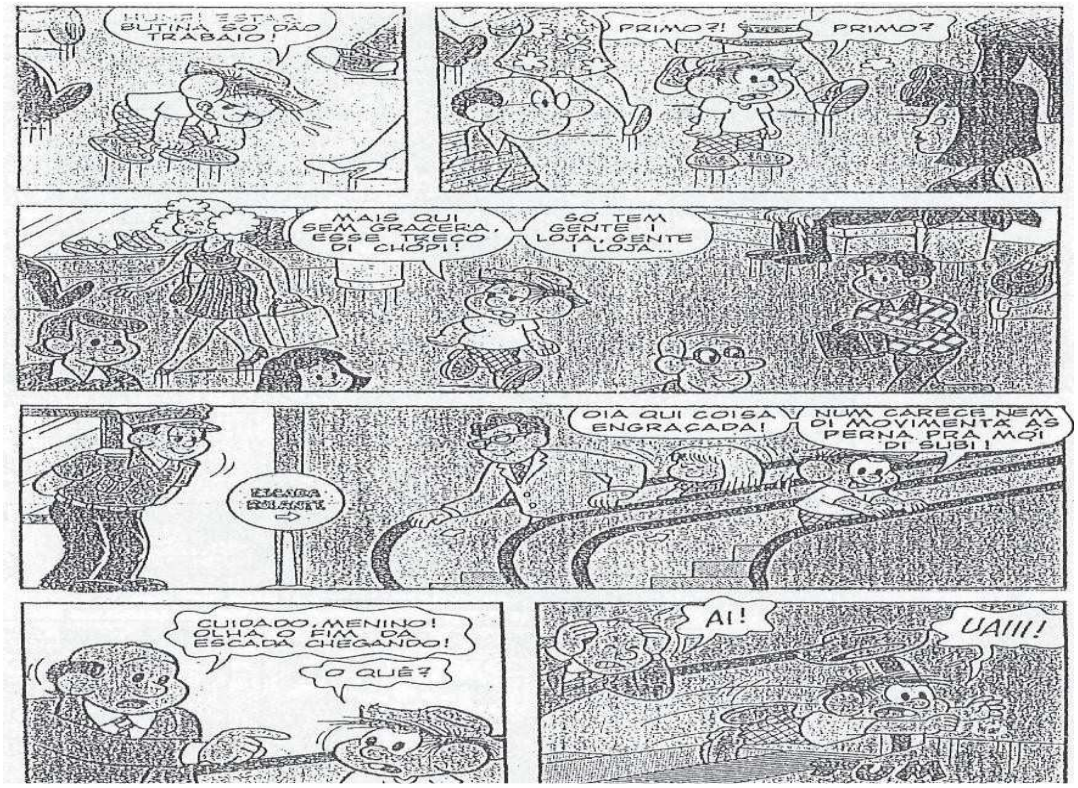
ALUNO Aline Rodrigues de Souza

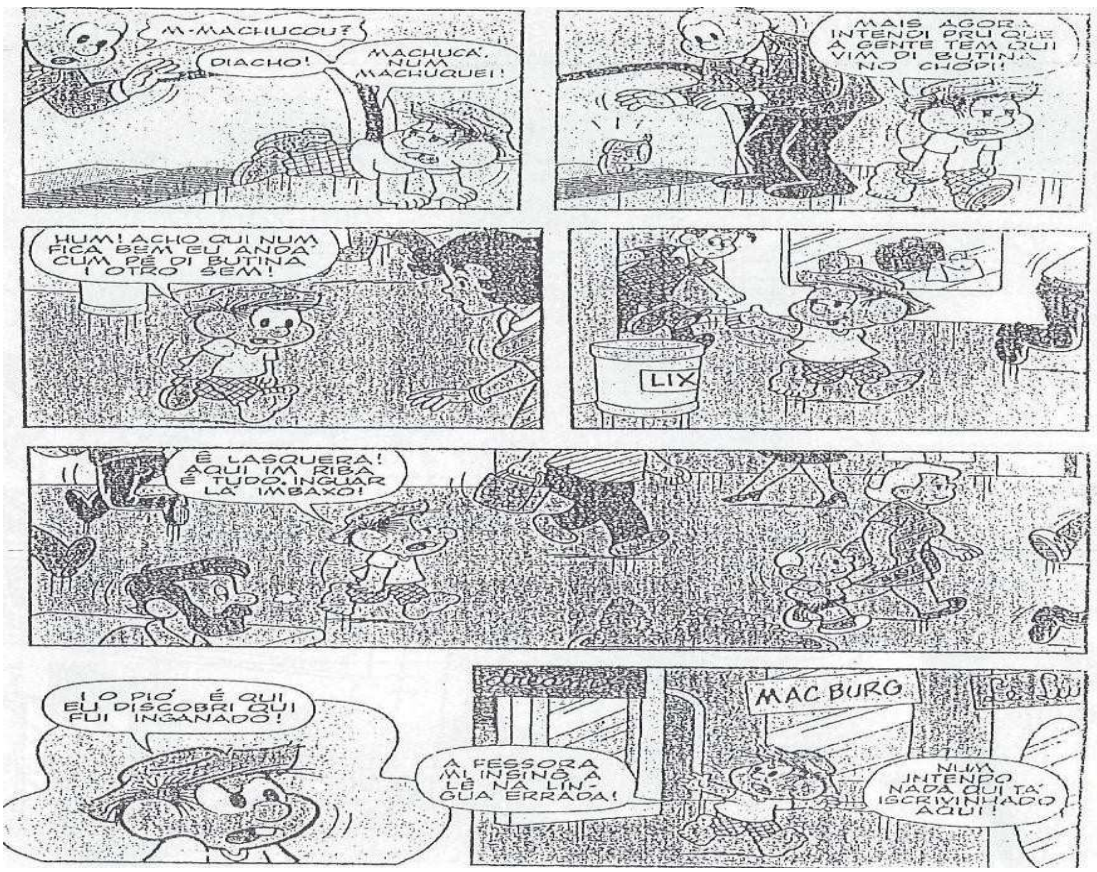
PROPOSTA DE ATIVIDADE

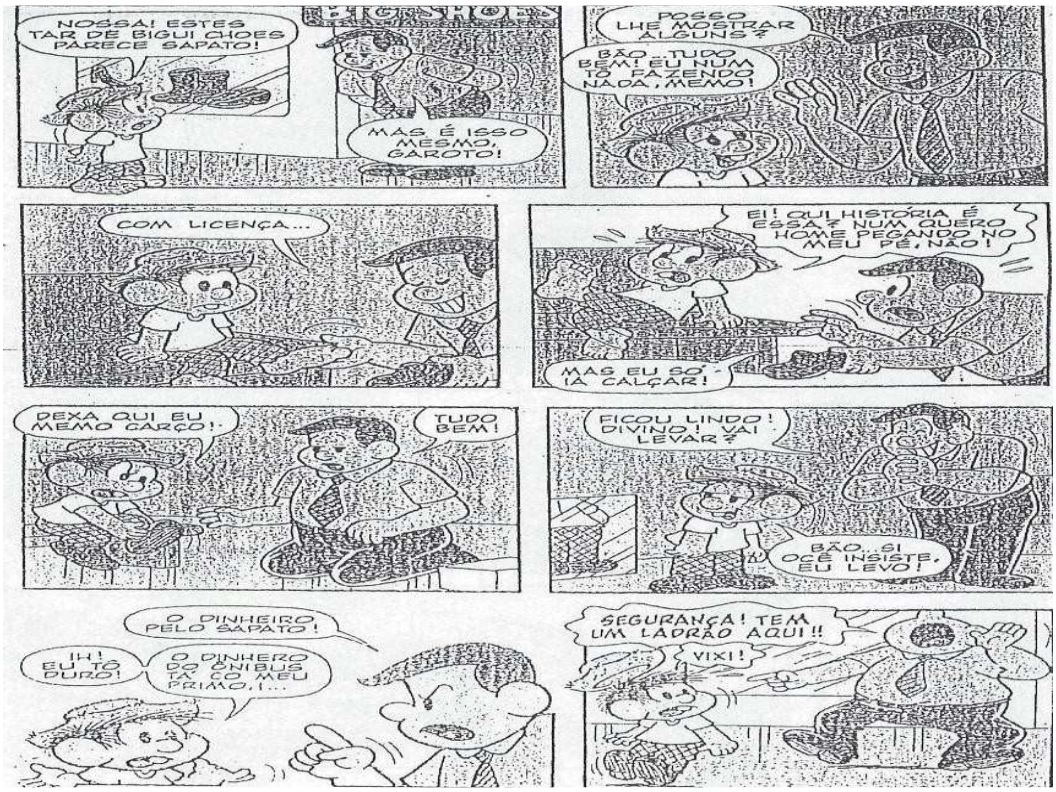
1- De acordo com o que foi exposto na aula no que se refere a Histórias em Quadrinhos, observe a sequência e os aspectos não-verbais e crie uma história.

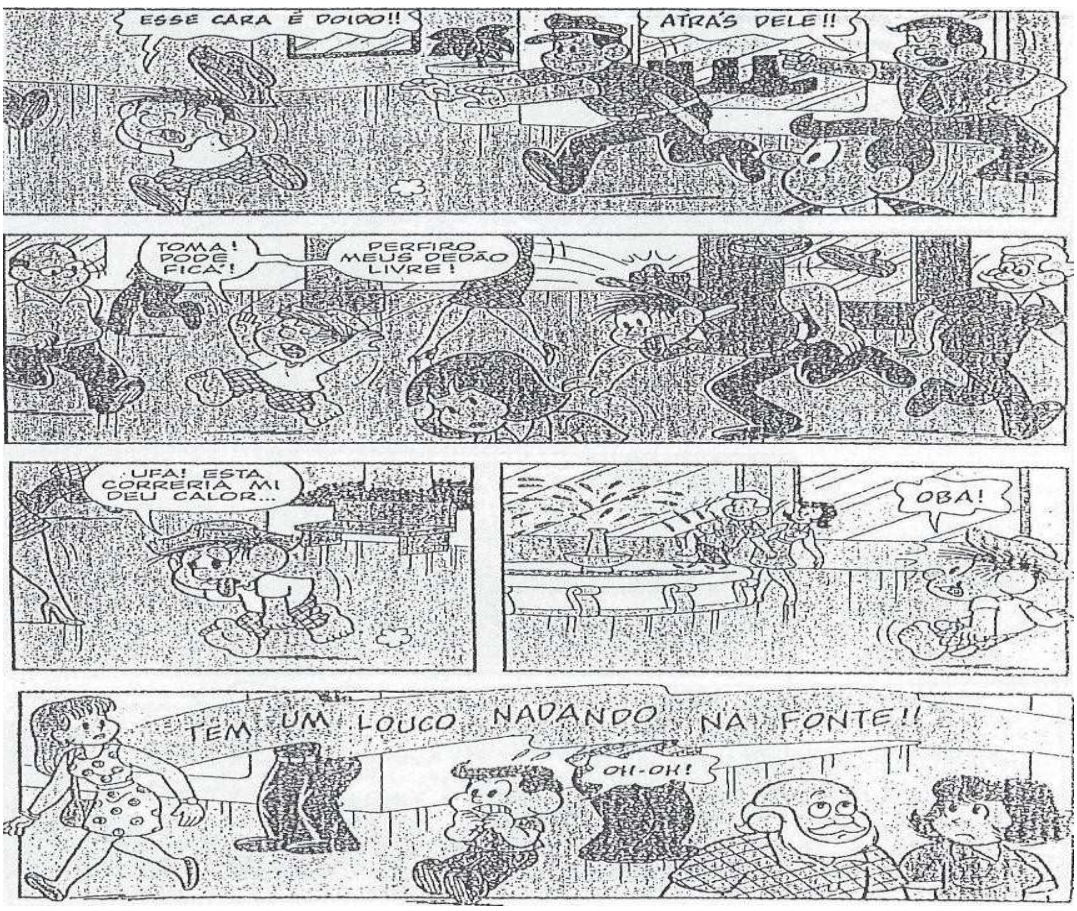
CHICO BENTO NO SHOPPING

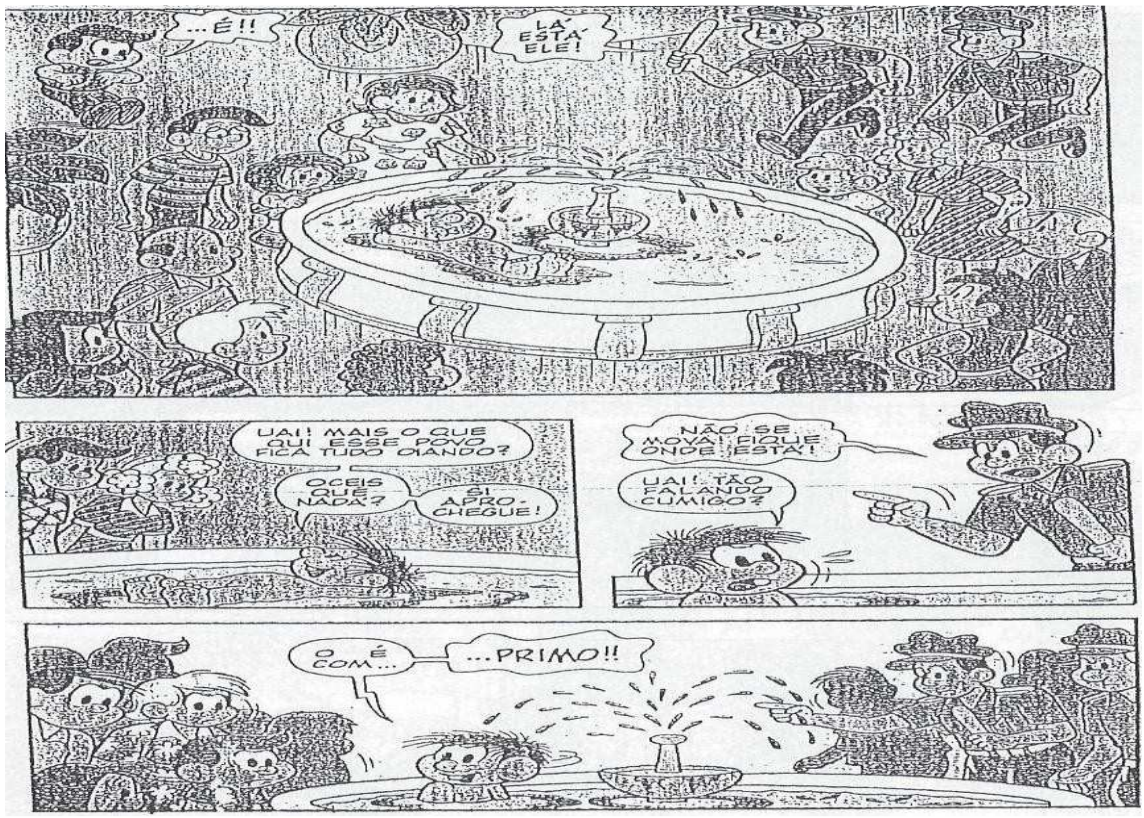


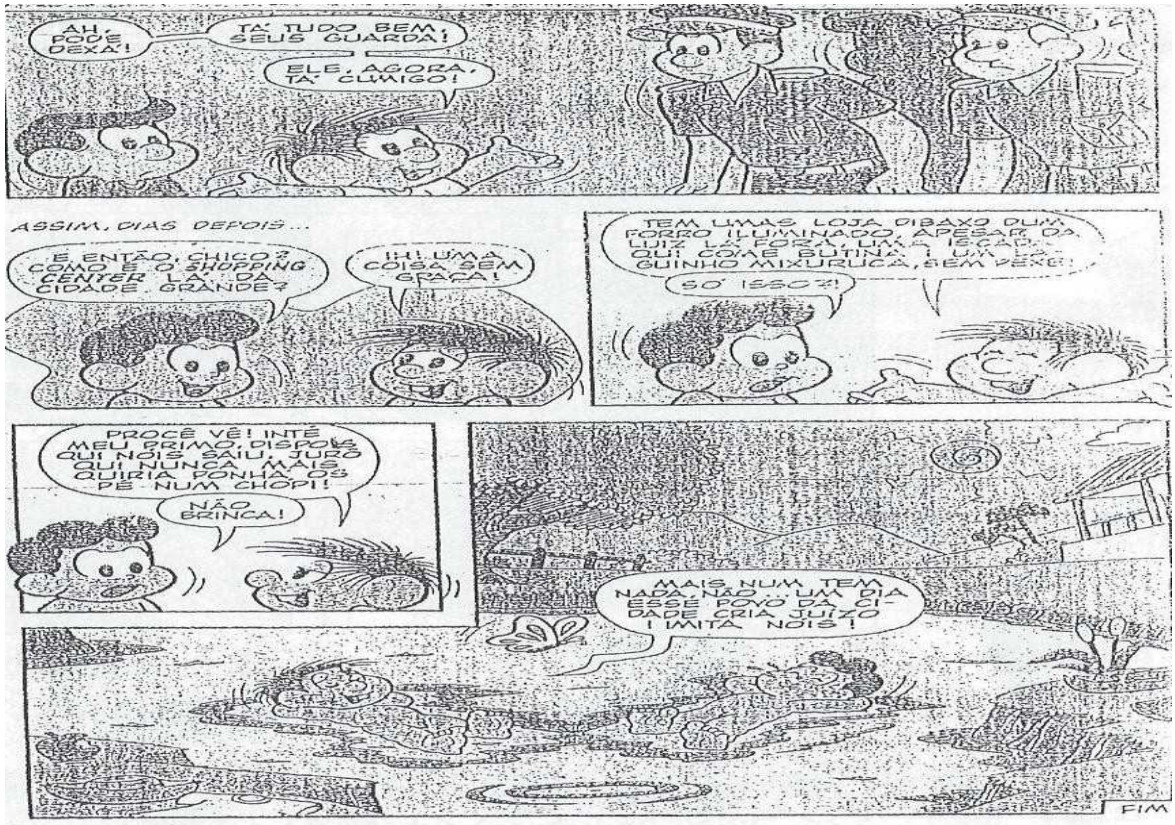

BUTINA SÓ DÁO TRABAIO!
PRIMO?!
PRIMO?
MAIS QUI SEM GRACERIA, EGSE TREÇO DI CHÓPI!
SÓ TEM GENTE I LOJA, GENTE I LOJA...
ESCADA ROLANTE
OIA QUI COISA ENGRAÇADA!
NUM CARECE NEM DI MOVIMENTA AS PERNA PRA MÇÕI DI SUBI!
CUIDADO, MENINO! OLHA O FIM DA ESCADA CHEGANDO!
O QUÊ?
AI!
UAIII!


M-MACHUCOU?
DIACHO!
MACHUCA. NUM MACHUQUEI!
MAIS AGORA INTENDI PRU QUE A GENTE TEM QUI VIM DI BUTINA NO CHÓPI!
HUM! ACHO QUI NUM FICA BEM EU ANDA CUM PÉ DI BUTINA I OTRO SEM!
LIX
É LASQUERA! AQUI IM RIBA É TUDO INGUAR LA IMBAXO!
! O PIÓ É QUI EU DISCOBRI QUI FUI INGANADO!
A FESSORA MI INSINÓ A LÊ NA LIN-GUA ERRADA!
MAC BURG
NUM INTENDO NADA QUITA ISCRIVINHADO AQUI!


NOSSA! ESTES TAR DE BIGUI CHOES PARECE SAPATO!
MAS É ISSO MESMO, GAROTO!
POSSO LHE MOSTRAR ALGUNS?
BÃO...TUDO BEM! EU NUM TO FAZENDO NADA, MEMO!
COM LICENÇA...
EI! QUI HISTÓRIA É ESSA? NUM QUERO HOME PEGANDO NO MEU PÉ, NÃO!
MAS EU SÓ ... IA CALÇAR!
DEXA QUI EU MEMO CARÇO!
TUDO BEM!
FICOU LINDO! DIVINO! VAI LEVAR?
BÃO...SI OCÊ INSISTE. EU LEVO!
O DINHEIRO PELO SAPATO!
IH! EU TO DURO!
O DINHERO DO ÔNIBUS TA CO MEU PRIMÃO.!...
SEGURANÇA! TEM UM LADRÃO AQUI!!
VIXI!

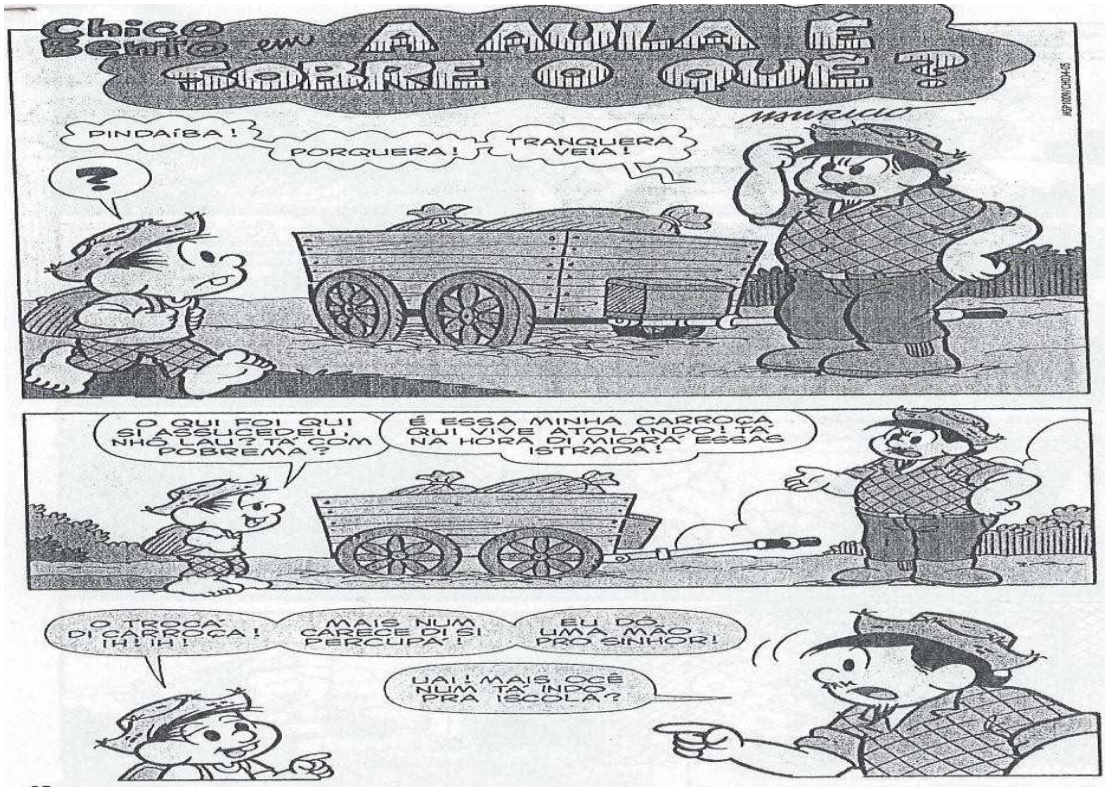

ESSE CARA É DOIDO!!
ATRÁS DELE!!
TOMA! PODE FICA'!
PERFIRO MEUS DEDÃO LIVRE!
UFA! ESTA CORRERIA MI DEU CALOR...
OBA!
TEM UM LOUCO NADANDO NA FONTE!!
OH-OH!

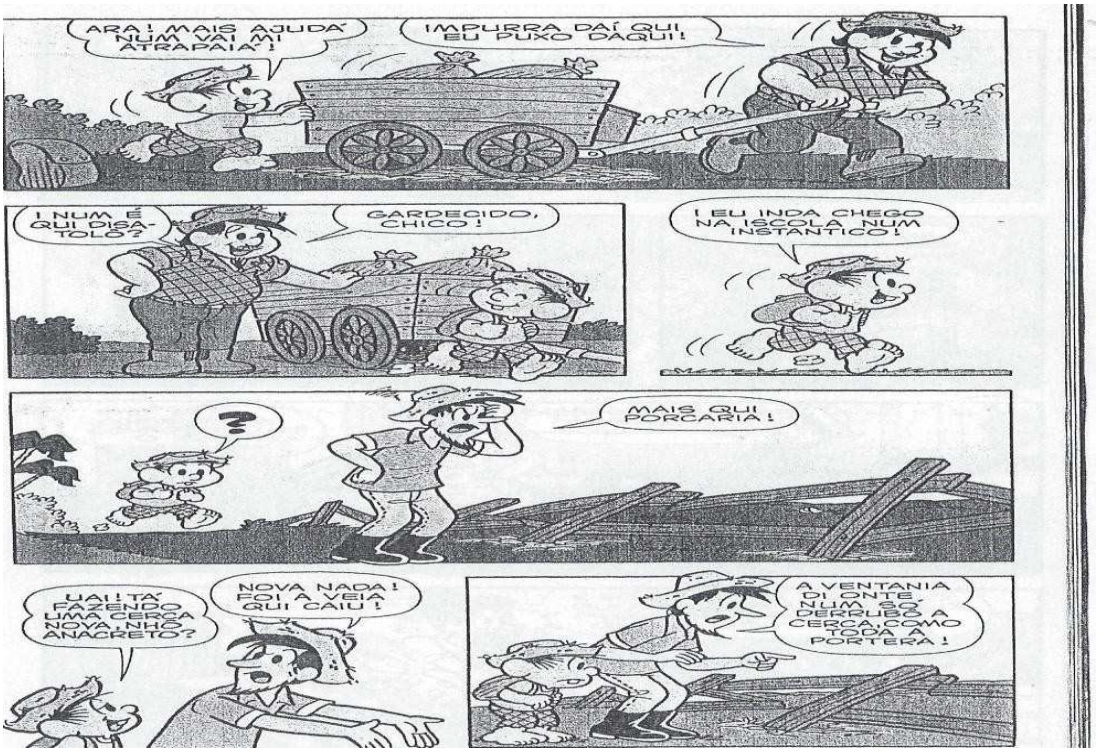


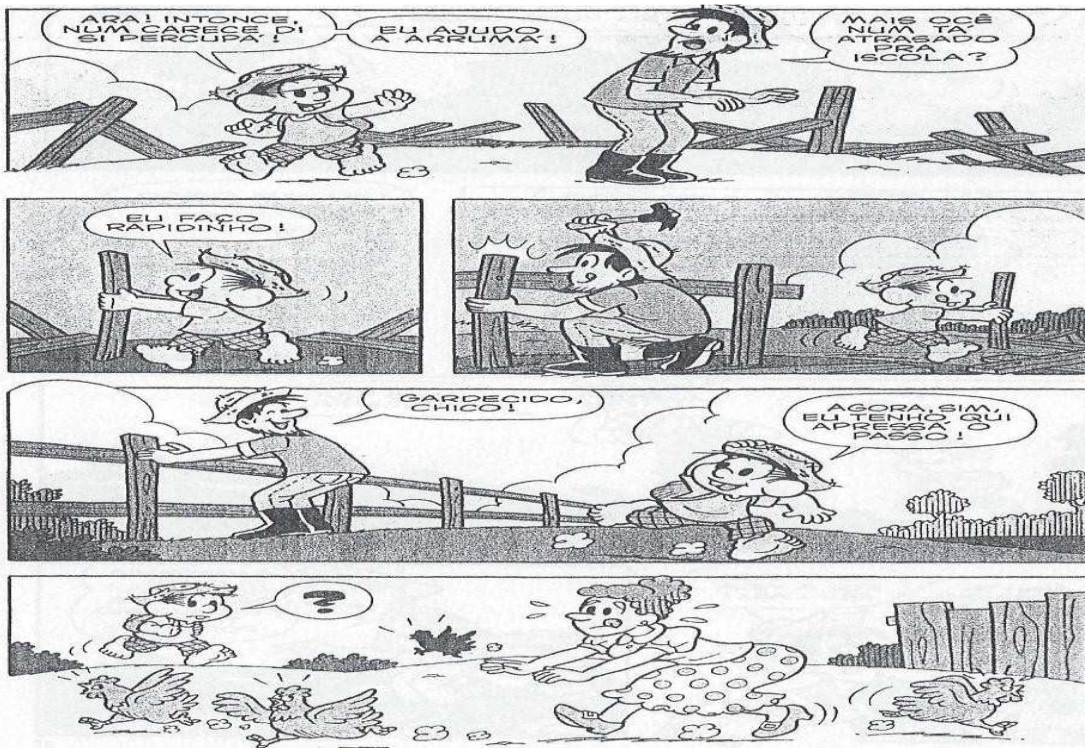


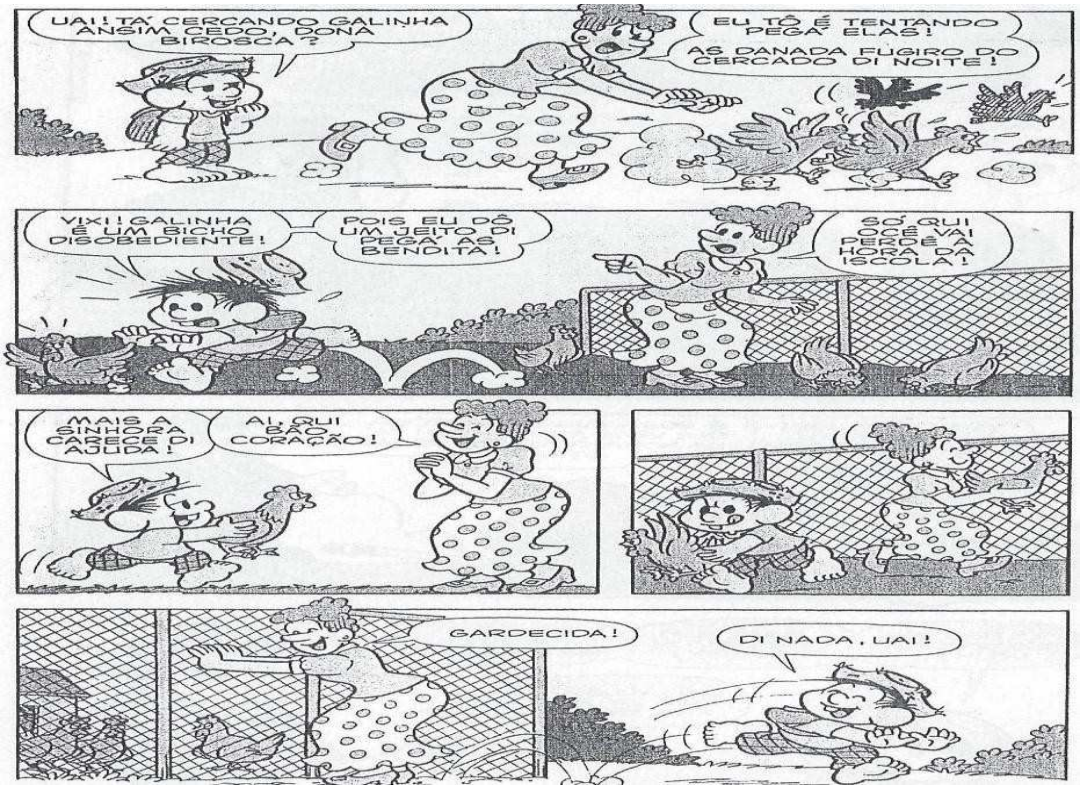
Mauricio de Sousa. *Chico Bento*, nº 215. São Paulo, Globo, 1995.

CHICO BENTO EM: A aula é sobre o quê?

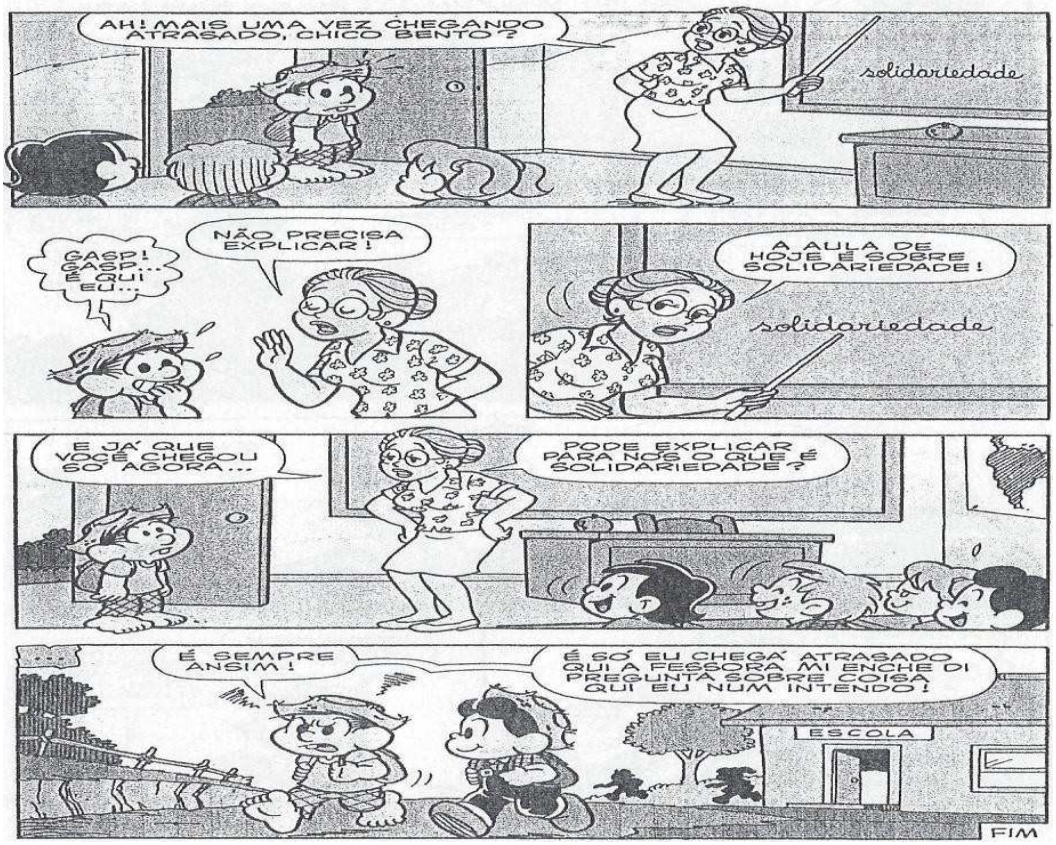




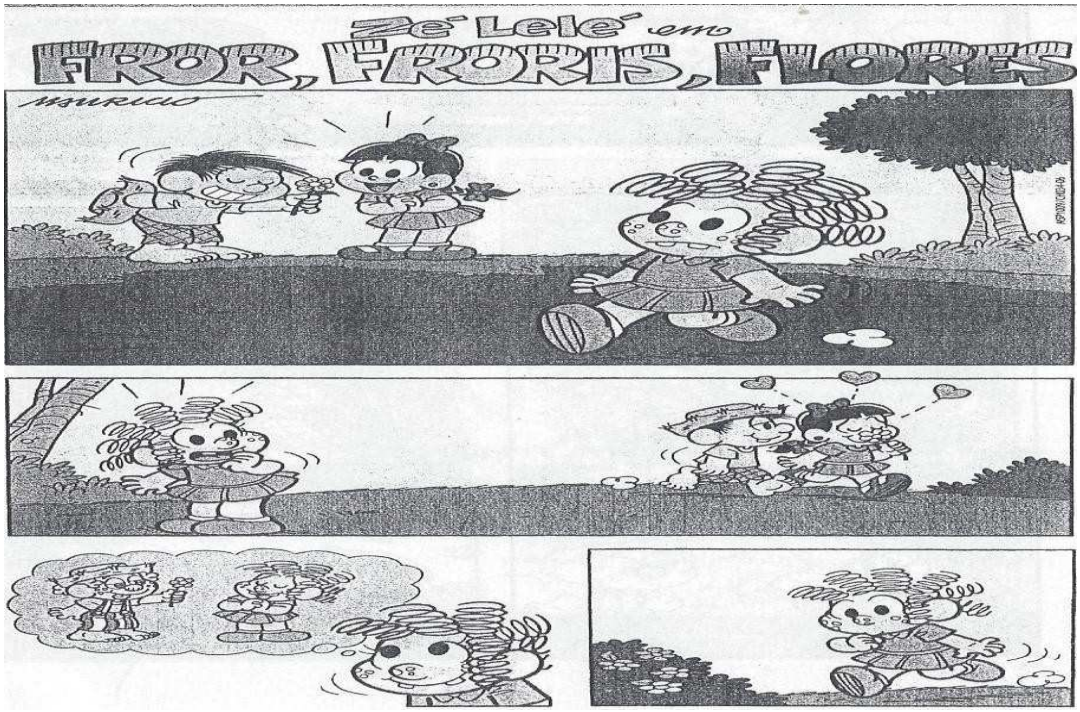

ARA! INTONCE, NUM CARECE DI SI PERCUPA!
EU AJUDO A ARRUMA!
MAIS OCÊ NUM TA ATRASADO PRA ISCOLA?
EU FAÇO RAPIDINHO!
GARDECIDO, CHICO!
AGORA, SIM, EU TENHO QUI APRESSA O PASSO!
?

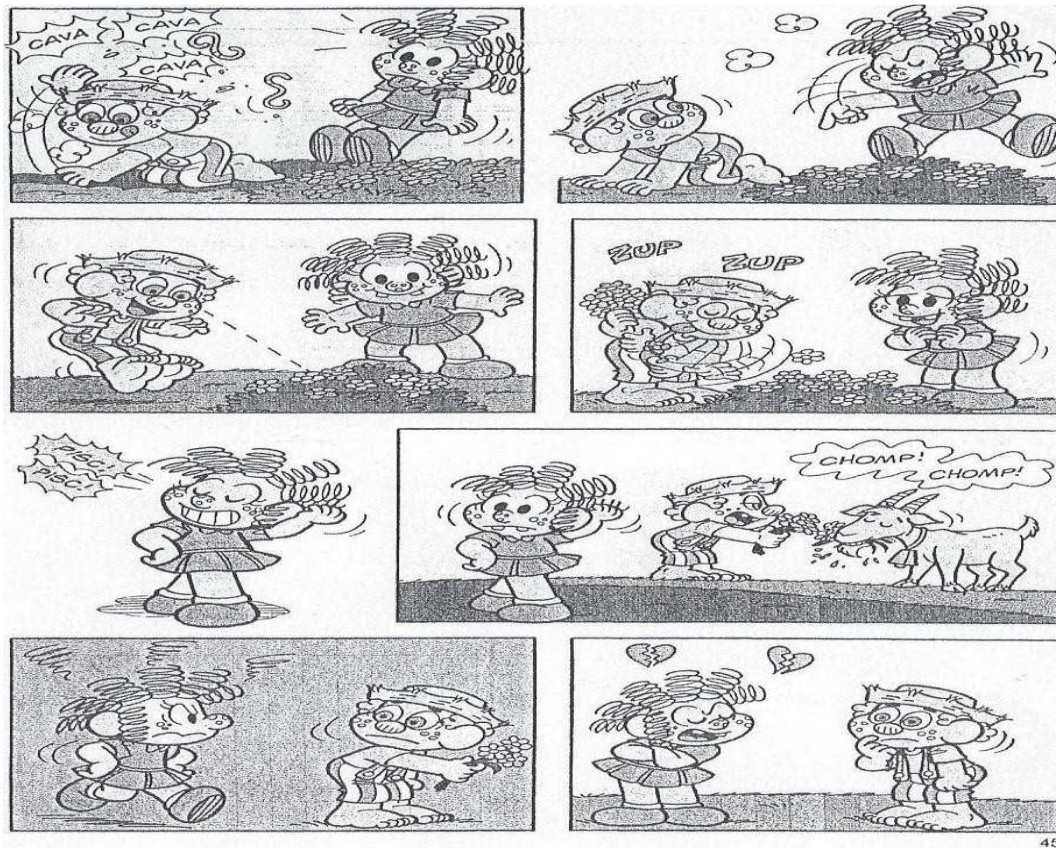

UAI! TA CERCANDO GALINHA ANSIM CEDO, DONA BIROSCA?
EU TÔ É TENTANDO PEGA ELAS!
AS DANADA FUGIRO DO CERCADO DI NOITE!
VIXI! GALINHA É UM BICHO DISOBEDIENTE!
POIS EU DÔ UM JEITO DI PEGA AS BENDITA!
SÓ QUI OCÊ VAI PERDÊ A HORA DA ISCOLA!
MAIS A SINHORA CARECE DI AJUDA!
AI, QUI BÃO CORAÇÃO!
GARDECIDA!
DI NADA, UAI!

MAIS AGORA EU TENHO QUI LASCA' BRASA!
VIXI! ESTA CORRERIA MI DEU UMA FOME!
INDA BEM QUI EU TROXE ESTE SANDUICHÃO PRO LANCHE!
INTÉ QUI INFIM!
ESCOLA
INDA DEU TEMPO DI CHEGA' NA HORINHA!...


AH! MAIS UMA VEZ CHEGANDO ATRASADO, CHICO BENTO?
solidariedade
GASP! GASP... É QUI EU...
NÃO PRECISA EXPLICAR!
A AULA DE HOJE É SOBRE SOLIDARIEDADE!
solidariedade
E JÁ QUE VOCÊ CHEGOU SÓ AGORA...
PODE EXPLICAR PARA NÓS O QUIE É SOLIDARIEDADE?
É SEMPRE ANSIM!
É SÓ EU CHEGA' ATRASADO QUI A FESSORA MI ENCHE DI PREGUNTA SOBRE COISA QUI EU NUM INTENDO!
ESCOLA
FIM

ZÉ LELÉ EM: FROR, FRORIS, FLORES




CAVA
CAVA
CAVA
ZUP
ZUP
PISC
PISC
CHOMP!
CHOMP!

COLHE
COLHE
COLHE
?
?
BEM-ME-QUER...
MAL ME QUER...
BEM-ME-QUER...
TUMP
ZUP
ZUP
ZUP
ZUP

FLORES
FLORES
CLONC
CHUAC!
FIM